



OS MONUMENTOS EM MEMORIA DA ARBITRARIEDADE DA POLICIA MILITAR

Lucas Gonçalves Vilela¹(IC); Eliezer Cardoso de Oliveira²(PQ)

e-mail: lucas_230198@live.com ; ezi@uol.com.br

¹ Discente do curso de História, PIBIC/UEG, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas.

²Professor Coordenador do Projeto. Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UNB).

Resumo: O texto aqui apresentado trata dos massacres cometidos por militares no Brasil após a ditadura militar e as manumnetações destes.

Palavras-chave: massacre; manumentos; catastrofes

Introdução

O presente trabalho é fruto do desenvolvimento de uma pesquisa de iniciação científica realizada na Universidade Estadual de Goiás e analisa os massacre cometidos por militares e os monumentos construídos em memória destes

Material e Métodos

Foram tomados como referenciais teóricos nesta pesquisa essencialmente obras de Emmanuel Kant - *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*; Françoise Choay - *A alegoria do patrimônio*; Eliezer Cardoso de Oliveira - *Estética da catástrofe* para a compreensão do que é belo, sublime e do que se entende por monumentos urbanos. O levantamento dos monumentos e as informações sobre estes foram feitas pela internet.

Resultados e Discussão

A então pesquisa tem como objetivo analisar os monumentos em memória de vítimas da arbitrariedade da polícia militar. É importante buscar compreender o lugar que ocupa a violência e especificamente os homicídios nas sociedades

REALIZAÇÃO



contemporâneas como forma de resoluções dos conflitos sociais. (BARREIRA, 1999). A violência e os homicídios quando cometidos por indivíduos que teoricamente deveriam evitar que estes acontecessem, acabam se tornando bem mais complexos. Como diz Eliezer Cardoso:

A força policial é uma instituição ambígua dentro da civilização. É um segmento privilegiado, tendo em vista poder legitimamente dar vazão, em certa medida, aos instintos naturais agressivos e poder justificá-la, para si e para os outros, como sendo um mero cumprimento do dever. É desprestigiada, na medida, em que as suas características e valores são anacrônicos em relação aos da sociedade em que está inserida. (OLIVEIRA, 2013, p. 5)

O conceito aqui usado para definir o que é monumento é o de Françoise Choay encontrado no livro *A alegoria do patrimônio*:

[...] chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. (Choay, 2001: pag. 18)

Um monumento estudado no desenvolvimento dessa pesquisa é o das *Castanheiras de Eldorado dos Carajás* (imagem 1). O problema da distribuição de terras no Brasil vem desde a sua colonização com o sistema de sesmarias que criava grandes latifúndios, porém, só a partir da segunda metade do sec. XX que começaram a surgir trabalhadores rurais reivindicando terras no Brasil, estes conflitos por muitas vezes são marcados por atos não pacíficos.



Figura 1: Imagem 1: As Castanheiras de Eldorado de Carajás

O massacre de Eldorado dos Carajás-PA aconteceu quando cerca de mil e quinhentos sem-terra que acampavam na região a espera da desapropriação de terras interromperam em protesto a rodovia PA-155. Autorizados a usar a força e até armas de fogo, policiais militares foram enviados ao encontro dos manifestantes, o que resultou em 19 mortes de sem terras e 69 feridos, dentre os mortos estavam indivíduos executados com tiros na nuca após serem imobilizados, degolados por foices e outras lâminas:

Uma perícia realizada pelo legista Nelson Massini, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, revelou que dez vítimas morreram com balas na cabeça, em tiros de precisão a curta distância na nuca, nos olhos e na cabeça, demonstrando modo similar a execuções sumárias. Outros sem-terra tiveram seus corpos retalhados a golpes de foice e estavam estraçalhados, com esmagamento de crânio, costas abertas, braços quebrados, mutilações. De acordo com o legista, as vítimas já estavam dominadas, sem condições para se defender ou reagir, desarmadas, quando foram atacadas com "golpes cortantes".(CAMBRAIA, 2012)



O monumento *As Castanheiras de Carajás* foi construída pela comunidade de sobreviventes do massacre com a ajuda de Dan Baron Cohen, inglês dedicado a causa indígena, universitária e dos sem-terra. O monumento é formado por 19 castanheiras (mesmo número de trabalhadores mortos da chacina) queimadas e mutiladas para representar as vítimas do confronto entre policiais e sem-terra. As castanheiras que são árvores nativas do Pará também são alvo dos fazendeiros da região que as derrubam e queimam para abrirem pasto para o gado. Se olhado de cima o monumento das castanheiras forma o contorno do mapa do Brasil, e no centro deste ha um altar com pedras vermelhas e os nomes dos trabalhadores rurais mortos na chacina. Ainda próximo ao monumento das castanheiras existem 19 cruzes construídas separadamente em memória dos trabalhadores mortos.

Para analisar se há beleza nesse monumento usei das reflexões de Kant. Este mostrou que a beleza e o sublime estão distantes, o belo é algo que nos causa desejo, que é delicado, e normalmente pequeno, que pode ser facilmente subjugado, que não representa perigo algum, o belo é comumente macio e convidativo ao toque. O sublime não nos causa desejo mas sim admiração, este é quase sempre grande e robusto, faz com que os que o rodeiam se sintam pequenos e oprimidos. Os monumentos construídos em memória as catástrofes relembram a morte, e esta é a expressão máxima do sublime. Em resumo o sublime nos remete ao medo da morte.

O monumento das Castanheiras dos Carajás é sublime por uma série de razões, ele é grandioso, remete a uma catástrofe, as castanheiras queimadas não são convidativas ao toque das mãos, a forma angulada das castanheiras não transmite conforto aos olhos.

Outro monumento analisado nesta pesquisa foi o da Cruz da Candelária (imagem 2). Este foi fixado no jardim da igreja da Candelária em memória ao massacre cometido por policiais militares que matou 8 jovens que dormiam frente a igreja. O massacre aconteceu no dia 23 de julho de 1993 por motivos ainda hoje mal esclarecidos, a hipótese mais provável é de que o crime foi uma retaliação dos

f

apedrejamento de uma viatura após a prisão de um traficante local.



Figura 2: Imagem 2: Cruz da Candelária

A cruz que é de madeira e bases de concreto sofreu com o vandalismo com o decorrer do tempo e também é sublime. Ela tem o nome dos mortos escritos em amarelo, não tem pontas anguladas, mas ainda sim não é convidativa ao toque.

Considerações Finais

Os monumentos catástrofes aqui analisados são essencialmente grandiosos, robustos e relembram a morte, portanto são sublimes.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Eliezer Cardoso pelas constantes orientações e direcionamentos acerca da pesquisa, aos colegas de IC pelo apoio e a UEG pela bolsa que possibilitou que a pesquisa fosse realizada.

REALIZAÇÃO



Referências

BARREIRA, César; CRÔNICA DE UM MASSACRE ANUNCIADO: Eldorado dos Carajás. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a14.pdf>>. Acesso em: 02 de jan. 2018.

CAMBRAIA, Maria Sílvia. LUGARES DE MEMÓRIA: o monumento do massacre de eldorado dos carajás. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/print.php?articleID=108&modo=1>>. Acesso em: 02 de jan. 2018.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação liberdade: UNESP, 2006.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Estética da catástrofe. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

VERMELHO, portal. MINISTRO PARTICIPA DE EVENTO EM MOMÓCIA A CHACINA DA CANDELÁRIA. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/267890-1>>. Acesso em: 29 de agosto de 2018